

Release

Ana Woolf fala do projeto Magdalenas e do protagonismo feminino no teatro na América Latina em entrevista inédita

Eliane Campelo - DRT n.264/TO

A Revista Observatório v.3, n.6, no dossiê *Mulher e Mídia 2*, traz a instigante entrevista “**A Segunda Generación das Magdalenas, o Teatro das Mulheres**” com a dramaturga e atriz argentina Ana Woolf, reconhecida na América Latina pela sua atuação como co-criadora da Magdalena 2ª Generacion associação de mulheres do teatro, iniciada em 1998 rede que investe na vitalidade das culturas latinas e fomenta a produção e a qualificação do teatro e das produções audiovisuais das mulheres; Ana Woolf atua ladeada por dramaturgas, diretoras, pesquisadoras, atrizes e estudantes das artes cênicas e outras áreas da criação artística, de mais de 50 países, com a perspectiva de mudar ou equilibrar o feminino no cenário teatral mundial. A entrevista foi realizada pela jornalista e pesquisadora, Sandra de Souza Machado enquanto Ana Woolf se encontrava em Taiwan, em apresentações/oficinas do projeto Magdalenas que já está em sua 3ª geração.

A entrevista traz à tona a vitalidade e força de Ana Woolf, que viveu na Dinamarca por mais de 12 anos e dedicou-se à construção de um ‘fazer teatro’ mais inclusivo e com equidade de gêneros, ao lado de sua mestra, Julia Varley, de quem se diz filha artística. Os desafios são grandes e é cada dia maior a adesão de países de diversos países ao projeto Magdalenas visto que “assim

como em outras artes, o teatro foi secularmente dominado pelas representações engendradas pelo sujeito masculino e suas dinâmicas, sensibilidades e realidades próprias”.

O projeto Magdalena, diz Ana Woolf, propõe uma renovação no panorama conceitual, filosófico, linguístico e estético da dramaturgia contemporânea realizada por mulheres, dentro de um fórum que gere reflexão, aprimoramento, apoio e visibilidade (o empoderamento) ao trabalho delas. Desde a sua criação, o principal ponto de reunião das Magdalenas é o Odin Teatret, escola de dramaturgia da Dinamarca e uma das principais da Europa. O projeto reúne dramaturgas, diretoras, pesquisadoras, atrizes e estudantes das artes cênicas e outras áreas da criação artística, com o objetivo de mudar ou equilibrar o feminino no cenário teatral mundial.

Ana Woolf, destaca que sua temporada na Dinamarca e no Teatro Odin foi, “na verdade um espaço em sua vida enquanto fonte de inspiração, criação e de referências para a sua identidade de gênero, como artista, dentro do lado “alternativo” feminino do teatro dinamarquês” . Em 2011, Ana voltou a residir na Argentina onde, além das oficinas permanentes que ministra, dirige e atua em várias produções cênicas e do audiovisual. Aos 49 anos, parece conhecer bem as regiões das fronteiras, as encruzilhadas, como mulher, como imigrante/viajante, e como artista. Além de atriz, roteirista, dramaturga e pedagoga, Ana Woolf integra ainda o staff internacional da Escola Internacional de Antropologia Teatral- ISTA.

Na entrevista a dramaturga fala das ausências e omissões femininas (do feminino) no teatro mundial, aborda as dificuldades enfrentadas por uma atriz na Argentina e em toda a América do Sul e destaca que “uma atriz ou ator é um ser intelectual, ou seja, alguém que se cultiva, que se forma, que estuda e que vai transmitir cultura”.

A atriz destaca ainda que o teatro, “é um arma política” e principalmente, no que se refere às mulheres. “Vejo o teatro das mulheres não como um espaço alternativo, mas como outro espaço! Ele é diferente. Nele, “geramos” (gerar em espanhol e fazer gênero) outra vida”. A vida fica mais fácil de viver diz Ana Woolf, pois no Magdalena, o grupo faz “um trabalho coletivo, comunitário, de ajuda mútua, que fortalece... melhor do que tentar individualmente, com as seculares incertezas, inseguranças, preconceitos e inscrições machistas do patriarcado”.

É no teatro, espaço de consciência política e de fazer comunitário, onde muitas vozes e textos (de mulheres) podem fortalecer e ajudar a transformar essa história das mulheres. Nesse espaço pode-se “usar as nossas próprias palavras para contar as histórias das mulheres. Os nossos encontros, oficinas, festivais, mostram o protagonismo das artistas que trabalham essa voz: divulgam e promovem o trabalho cênico de mulheres artistas em um contexto social em mudanças permanentes no paradigma e no papel das mulheres” diz a artista.

Nas Magdalenas 2ª Generación, ela e outras mulheres demonstram que “o trabalho de presença deve partir do trabalho de insistência sobre o pensamento, a formulação e a construção de um mecanismo discursivo que permite contar desde histórias íntimas até músicas comuns, passando por uma reflexão teórica sobre gênero, construções construtivas e discursivas” destaca Ana Woolf na entrevista.

Como citar a entrevista

MACHADO, Sandra de Souza. A Segunda Generación das Magdalenas, o Teatro das Mulheres: Entrevista com a dramaturga e atriz argentina Ana Woolf. **Revista Observatório**, Palmas, v. 3, n. 6, p. 728-737, out. 2017. ISSN 2447-4266.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 6, Outubro-Dezembro. 2017

Disponível

em:

<<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/4245>>. Acesso em: (data do acesso). doi: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n6p728>.